

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Bianca Peres Alves de Oliveira

TDAH:

um documentário sobre o Deficit de Atenção

Juiz de Fora
Dezembro de 2014

Bianca Peres Alves de Oliveira

TDAH:

um documentário sobre o Deficit de Atenção

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientador: Prof. Dr. Nilson Assunção Alvarenga

Juiz de Fora
Outubro de 2014

Bianca Peres Alves de Oliveira

TDAH: um documentário sobre o déficit de atenção – curta metragem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Prof. Dr. Nilson Assunção Alvarenga

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 11/12/2014 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Nilson Assunção Alvarenga (UFJF) – Orientador

Prof.^a Marise Pimentel Mendes (UFJF) – Convidada

Prof. Álvaro Eduardo Trigueiro Americano (UFJF) – Convidado

Conceito obtido _____

Juiz de Fora
Dezembro de 2014

AGRADECIMENTOS

Aos professores da Facom, por terem sido exemplos e me ajudarem a reconhecer o meu caminho dentro da vasta área da Comunicação.

Agradeço em especial aos professores Álvaro Americano, pelo mergulhão de rádio, Francisco Brinati, pelo mergulhão de TV, e Nilson Alvarenga, pelas aulas de Introdução ao Cinema e por ter aceitado me orientar neste projeto.

Muito obrigada a cada uma das dez meninas que foram a segurança e a alegria dos meus anos acadêmicos.

Agradeço aos meus pais, por serem sempre meus maiores incentivadores. Em tudo o que eu faço existe um pedaço dos dois.

E, finalmente, agradeço ao meu irmão Bernardo, por ter TDAH e me ensinar a cada dia a ser uma pessoa mais sensível, paciente e compreensiva.

Para realizar um sonho é preciso esquecê-lo, distrair dele a atenção. Por isso realizar é não realizar.

Fernando Pessoa

RESUMO

O presente trabalho aborda os processos de elaboração do curta metragem “TDAH – um documentário sobre o deficit de atenção”. Constitui-se em um relatório de acompanhamento de cada etapa de produção, desde o surgimento da ideia, passando pela fase de roteirização, até chegar à montagem do material. Com base em uma fundamentação teórica sustentada por Fernão Pessoa Ramos, Bill Nichols e Sérgio Puccini, o trabalho é uma espécie de diário de produção, apresentando comentários sobre os sucessos e dificuldades durante todo o desenvolvimento da obra audiovisual.

Palavras-chave: documentário, TDAH, relatório de produção

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 BASE TEÓRICA	09
2.1 RAMOS E O CONCEITO DE “CIRCUNSTÂNCIA DA TOMADA”	09
2.2 CLASSIFICAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO DE ACORDO COM NICHOLS.....	11
2.3 PUCCINI E O PROCESSO DE ROTEIRIZAÇÃO.....	13
3 PRÉ-PRODUÇÃO	15
3.1 A BUSCA PELOS PERSONAGENS	15
3.2 A ROTEIRIZAÇÃO.....	17
4 AS GRAVAÇÕES	21
5 MONTAGEM	25
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
ANEXO: FOTOS DA PRODUÇÃO	27

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relatório que inclui a descrição de todas as etapas de elaboração da peça audiovisual “TDAH – um documentário sobre o deficit de atenção”. A começar por como surgiu a ideia.

Desde o início da faculdade, descobri que, dentre as várias possibilidades que o meio da Comunicação oferece, a área do audiovisual era claramente a que melhor me inspirava. Sendo assim, sempre tentei direcionar minha formação na Faculdade de Comunicação Social da UFJF a atividades associadas ao cinema, às artes visuais e à fotografia.

Ainda durante meu período de graduação, participei por um ano de um intercâmbio provido pela parceria entre a UFJF e a Universidad de Salamanca, na Espanha. Neste período, tive a oportunidade de cursar especificamente Comunicação Audiovisual e, assim, obtive alguns ensinamentos bastante importantes na área da produção imagética para cinema e televisão.

Contudo, sentia que o campo do documentário tinha sido, ainda, muito pouco explorado no meu desenvolvimento como profissional. Além disso, é um gênero que me agrada bastante e, por coligar o real ao audiovisual, tem certa semelhança às reportagens de TV – área na qual já havia tido uma válida experiência prática e teórica durante a própria faculdade.

Por todos esses motivos, optei por realizar um projeto prático como Trabalho de Conclusão de Curso, em formato audiovisual e pertencendo ao gênero documentário. Nesta produção, assumi o papel de roteirista, diretora e montadora, uma vez que a ideia era sentir em cada fase – de pré-produção, produção e pós-produção – como se estruturam os processos de realização neste estilo de filme.

Sobre o documentário

O documentário aborda o tema do Transtorno de Deficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH. Segundo a Associação Brasileira de Deficit de Atenção (ABDA), o transtorno é neurobiológico e caracteriza-se por sintomas principalmente de desatenção, inquietude e impulsividade. O portador de TDAH é inteligente e criativo, mas não consegue aproveitar o seu potencial em função da falta de concentração.

Ainda de acordo com dados da associação, cerca de 5% da população infantil mundial é afetada pelo transtorno, e em mais da metade dos casos o déficit de atenção segue também durante a vida adulta. Apesar deste número, até hoje o TDAH ainda é muito desconhecido, inclusive por profissionais da saúde.

Existem vozes que afirmam que o Transtorno de Déficit de Atenção é um mito. Não existem, no entanto, pesquisas científicas oficiais que comprovem tal declaração. Na realidade, o TDAH é reconhecido oficialmente pela OMS – Organização Mundial da Saúde.

O motivo pessoal pelo qual escolhi destinar o documentário a essa temática é que o meu irmão é portador do transtorno. Assim, convivi toda a minha vida com os sintomas e toda a problemática que surge em torno dos mesmos ao longo do desenvolvimento de um indivíduo que sofre com o déficit de atenção.

Acredito que a relevância do tema é forte, considerando o baixo conhecimento da população com relação ao transtorno, e avaliando também que a falta de um diagnóstico e tratamento adequado pode trazer amplos prejuízos para o indivíduo com TDAH e para todos que o cercam. Meu intuito, portanto, é fazer com que os espectadores do documentário se informem melhor a respeito do assunto e possam conviver mais tranquilamente com portadores do transtorno.

2 BASE TEÓRICA

Para começar a pensar o documentário, foi preciso me aprofundar em questões fundamentais e bem básicas, como o que é, afinal, um documentário?”, “como se elabora um roteiro para uma produção não ficcional?”, “existem tipos de documentário?”, “qual tipo eu quero fazer e qual melhor se encaixa na minha temática?”. A princípio, eu me encontrava bastante desorientada sobre todos esses temas.

Os textos que me ajudaram a esclarecer todas essas dúvidas e serviram de base para a elaboração do roteiro foram: **O que é mesmo documentário?**, de Fernão Pessoa Ramos, **Introdução ao documentário**, de Bill Nichols – com ênfase no capítulo seis, intitulado “Que tipos de documentários existem?” – e **Roteiro de Documentário - da Pré-produção à Pós-produção**, de Sergio Puccini.

2.1 RAMOS E O CONCEITO DE “CIRCUNSTÂNCIA DA TOMADA”

“Definir o que é documentário, na realidade, faz parte de uma estratégia provocativa, de conquistar espaço mexendo cotovelos”, afirma Fernão Ramos em **O que é documentário** (2001, p. 05). Durante o artigo, Ramos justifica tal declaração apresentando um modelo que determina parâmetros para o gênero documentário, baseados em uma reflexão com influências “cognitivista-analíticas”, ou seja, fundamentada na observação da produção documentária e de seu consequente relacionamento com o público espectador.

A qualificação como “estratégia provocativa” para o ato de se definir o documentário é sustentada pelo autor por uma falta de determinação clara do gênero não-ficcional para o pensamento contemporâneo. “[...] a ideologia, ainda dominante em nossa época, tem um certo orgulho em mostrar fronteiras tênues entre os campos da ficção e da não-ficção, embaralhando definições.” (RAMOS, 2001, p. 02)

Ramos defende, portanto, que o discurso documentário possui sim características próprias e que o fazem diferenciar-se da ficção. Desenvolvendo o raciocínio, o autor apresenta dois conceitos inerentes ao gênero documentário, de acordo com a ideologia lógico-analítica. Seriam estes conceitos o da proposição-assertiva e o da indexação.

Com relação ao conceito da proposição assertiva, pode-se entender que no documentário existem sempre certas asserções acerca do universo que se pretende tratar. Ou seja, um documentário é composto por vários enunciados que carregam saberes. Tais asserções podem e devem ser analisadas, porém, como proposições da realidade, em um sentido lógico-formal. Ramos se utiliza de um exemplo simples para ilustrar a questão das proposições assertivas:

O estatuto do documentário seria o mesmo, por exemplo, daquele que está contido na afirmação 'Pedro dá aulas na Universidade Estadual de Campinas às quintas-feiras'. Este enunciado contém uma asserção sobre o mundo a que pertence o professor Pedro e traz em si uma afirmação que possui, em um grau razoável de previsibilidade, uma asserção que poderá ser confirmada semanalmente. [...] O fato de o professor Pedro deixar de comparecer à universidade em uma determinada quinta-feira, igualmente não a invalida. (RAMOS, 2001, p. 06)

A respeito do conceito da indexação, Ramos refere-se ao fato de que o espectador, normalmente, já possui um saber social prévio acerca do filme que irá assistir. Ou seja, o conceito de indexação relaciona-se à recepção do documentário. O espectador normalmente já sabe se será exposto a uma narrativa ficcional ou não, e a que tipo de imagens será exposto. O autor aponta que existem, é claro, exceções, e que é possível que o espectador seja “enganado” a respeito do gênero do filme, mas declara que esses casos não são significativos para essa abordagem.

Definidos, porém, estes dois conceitos, Ramos apresenta uma observação crítica ao fato de a reflexão lógico-analítica centraliza as qualidades do documentário nas asserções. “[...] sentimos os limites das discussões que reduzem o campo documentário a enunciados lógicos. Entre uma proposição e uma imagem vai uma diferença grande.” (RAMOS, 2001, p. 07)

É a partir, então, de toda essa análise que o autor expõe sua ideia principal, que é a de demonstrar a força que a imagem não-ficcional possui, através do conceito de “circunstância da tomada”.

Este tipo de imagem possui um estatuto particular em nossa sociedade. As comoções sociais que sua exibição provoca, são prova da intensidade exponencial que estas imagens possuem. Imagens pictóricas ou descrições orais/escritas de testemunhas oculares, a partir dos mesmos fatos, obtêm reações qualitativamente diversas. Em nosso ponto de vista, este tipo de intensidade deve colocar-se no cerne de qualquer trabalho analítico mais amplo que debruce-se sobre imagens não ficcionais. (RAMOS, 2001, p. 8)

No argumento de Ramos, a intensidade que este tipo de imagem possui está vinculada ao fato de que tais imagens são sempre captadas por uma máquina (câmera), o que significa também que sempre existe uma testemunha ocular das situações exibidas por tais imagens. – aquele que segura a câmera. Ou seja, ao assistir qualquer imagem não-ficcional, o espectador tem o prévio conhecimento de que aquilo que está sendo mostrado está sendo ou foi assistido de perto e ao vivo por alguém. “A câmera possui esta potencialidade, acima de todas as outras, de significar uma presença em ausência.” (RAMOS, 2001, p. 09)

Ao mesmo tempo, existe a sensação de que, por meio das imagens-câmera, o espectador é capaz de assistir qualquer cena sem enfrentar grandes discussões morais sobre sua fruição. Ramos utiliza o exemplo de uma imagem-câmera da morte real para esclarecer tal argumento, qualificando-a como uma quebra da fronteira ética que proíbe a observação do horror, tornando possível uma posição espectral do mesmo. Em outras palavras, assistir a uma morte pessoalmente seria moralmente repugnante, mas se essa mesma cena se apresenta em um filme documentário, torna-se mais “aceitável”.

Toda essa reflexão de Fernão Ramos foi muito útil no meu modo de conceituar, planejar e montar o meu documentário. O conceito de circunstância da tomada é certamente melhor aplicado e mais palpável quando se trata de imagens que retratam situações que já aconteceram, ou seja, de documentários que remontam uma história ou qualquer tipo de ação passada. Não é o caso deste projeto. Ainda assim, a ideia me auxiliou e conduziu em termos gerais na concepção do roteiro e na forma de pensar as imagens e entrevistas. Mais adiante, demonstro de forma mais concreta como o conceito foi importante para esta produção.

2.2 CLASSIFICAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO DE ACORDO COM NICHOLS

O livro **Introdução ao documentário** (2007), de Bill Nichols, traz um capítulo particularmente interessante para a definição do tipo de documentário que melhor se encaixaria à temática e ao meu próprio estilo. Nichols define que existem seis subgêneros dentro do campo documentário. Seriam eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

De acordo com as definições de Nichols, o documentário produzido possui um estilo majoritariamente participativo, considerando que a informação é passada ao espectador basicamente através de entrevistas. Apesar de muitas vezes o subgênero participativo estar vinculado à uma participação direta do cineasta nas cenas, Nichols também classifica as entrevistas como uma forma de encontro antropológico entre o cineasta e o tema. E descreve que, segundo Michel Foucault, existe sempre um fator de troca entre entrevistador e entrevistado – apesar de constar uma hierarquia nessa relação que põe o entrevistador em posição superior. No documentário, utilizo também imagens de arquivo pessoal, o que reforça a característica de pesquisa antropológica e reafirma o caráter participativo do material.

Aquí, tanto nas entrevistas quanto nas imagens de arquivo pessoal, se encaixam as reflexões de Fernão Ramos sobre o conceito de circunstância da tomada. No caso das entrevistas, sempre sabe-se que o entrevistador está ali, ainda que ele não apareça, e esse fato em si é relevante para a concepção do espectador com relação ao que se passa na entrevista. No caso das imagens de arquivo, por sua vez, a circunstância na qual aquelas cenas foram filmadas é exatamente o que dá valor a esse material. Sabe-se que são momentos particulares, que a pessoa por trás da câmera possui intimidade com a que aparece nas gravações, e tem-se a sensação de que, através destas imagens, é permitido “espionar” um pedacinho da vida pessoal do indivíduo em questão.

Outra particularidade importa, ainda, para determinar o caráter participativo do documentário. Embora tenha optado por não me apresentar como cineasta frente às câmeras e durante as entrevistas, eu estou direta e ativamente presente em alguns momentos. O meu irmão Bernardo é um dos personagens que têm a vida comentada na série de entrevistas e imagens, e eu apareço ao lado dele em duas imagens de arquivo. Provavelmente, não serão todos os espectadores do documentário que saberão da relação familiar da cineasta com o personagem entrevistado, mas é possível que muitas pessoas captem esse envolvimento, inclusive pelo meu nome, que é repetidamente dito na cena de abertura.

Mas, apesar da forte característica participativa do documentário, estão presentes também traços de outros subgêneros na estrutura da montagem final. “As características de um dado modo funcionam como *dominantes* num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização. Resta uma considerável margem de liberdade.” (NICHOLS, 2007, p. 136)

Existem algumas passagens encenadas para as câmeras. Passagens que representam algumas situações cotidianas nas vidas dos entrevistados. Nessas encenações, a proposta não é a de iludir o espectador tentando mostrar uma cena “real”. Pelo contrário, aqui se pode dizer que o documentário apresenta, inclusive, influências do subgênero reflexivo – no sentido em que tais encenações foram dirigidas e montadas e fica clara a intervenção da equipe de filmagem.

No tocante à montagem, o documentário demonstra, ainda, certo traço do subgênero poético. O argumento do filme não se trata, como em muitos documentários, de um relato histórico. Não se trata de contar uma história. O interesse é tratar sobre ações que se repetem, que aconteceram, acontecem e acontecerão no dia-a-dia dos personagens. O objetivo é debater, informar e principalmente sensibilizar o espectador com relação a questões da vida cotidiana de pessoas que possuem o TDAH. Assim sendo, o fio condutor ao longo do desenvolvimento está associado à cadência de pensamentos, a emoções e a ritmo. Ou seja, a estrutura não segue as tradicionais sequências cronológicas ou espaciais. “O modo poético sacrifica as convenções da montagem em continuidade, e a ideia de localização muito específica no tempo e no espaço derivada dela, para explorar associações e padrões que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais.” (NICHOLS, 2007, p. 138)

2.3 PUCCINI E O PROCESSO DE ROTEIRIZAÇÃO

Para completar a estrutura teórica do meu projeto e me guiar na produção de fato do documentário, o livro **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção** (2007), de Sergio Puccini, foi essencial. Nele, Puccini apresenta de forma completa e objetiva como se estrutura na prática cada etapa de produção de um documentário, desde a escolha do tema e do processo de roteirização, até a fase de montagem e finalização.

Como eu nunca havia trabalhado antes com a realização de documentários, enfrentei algumas dificuldades para organizar uma composição adequada – principalmente no que diz respeito à fase de pré-produção. Minha dúvida central era: uma vez que várias cenas de um documentário (quando não todas) não são encenadas, e, portanto, não possuem o seu conteúdo controlado pelo cineasta, como roteirizar esse tipo de obra? Puccini

responde a esta e a várias outras questões fundamentais ao longo do texto, defendendo que, “mesmo tendo um repertório discursivo maior, o documentário também possui seus procedimentos recorrentes que podem muito bem ser previstos ainda na fase de pré-produção”. (PUCCINI, 2007, p. 67) Mais à frente, explico mais especificamente como Puccini me ajudou a montar o roteiro para o documentário.

Uma ideia importante que Puccini ajudou a inserir na estrutura do meu projeto de documentário foi a fragmentação do conceito de personagem principal em um grupo de personagens. Ele aponta que conduzir o assunto por meio de vários personagens ao invés de um protagonista é uma prática bastante usual no gênero documentário. Afirmo também que tal prática é um procedimento típico dos institutos de pesquisa e busca utilizar uma amostragem representativa do todo com relação ao universo em questão. Acredito que esse conceito é interessante para uma abordagem abrangente sobre o Transtorno de Deficit de Atenção, e por isso escolhi utilizá-la.

3 PRÉ-PRODUÇÃO

Tendo como base toda essa argumentação teórica, dei início, concretamente, a fase de pré-produção. Decidi, a princípio, determinar quais seriam os personagens que construiriam o enredo para depois iniciar a construção de um roteiro propriamente dito.

3.1 A BUSCA PELOS PERSONAGENS

Determinado, portanto, que eu utilizaria mais de um personagem, e que estes personagens deveriam ser representativos do universo do TDAH, comecei a pensar então nos tipos de pessoas que eu precisaria para demonstrar como o transtorno afeta a vida de seus portadores e familiares.

Como já mencionado, o TDAH é um transtorno que afeta cerca de 5% da população infantil mundial. Com o passar dos anos, e dependendo muito do tipo de tratamento que a pessoa utilizar, os efeitos da doença podem ser amenizados. Existe, de qualquer forma, em quase todos os casos, uma intensidade maior de hiperatividade na fase infantil. Aos poucos, na maioria das situações, o portador vai tornando-se fisicamente menos agitado. O déficit de atenção, no entanto, tende a piorar conforme os anos vão passando. Esses são dados da Associação Brasileira de Deficit de Atenção.

Diante desses fatos, estabeleci, a princípio, que precisaria de no mínimo três personagens centrais, portadores de TDAH:

- Uma adulto com cerca de 40 anos ou mais;
- Um jovem entre 15 e 25 anos;
- Uma criança.

O TDAH é um transtorno que afeta muito o relacionamento social do portador e, conseqüentemente, mexe bastante com a estrutura familiar também.

Assim, no convívio social, são comuns aqueles momentos desagradáveis, as brigas e os 'bate-bocas', se machucam frequentemente e para se protegerem as crianças com TDAH sempre culpam as outras pelo problema. Não avaliam as conseqüências de seus atos. [...] É estressante criar uma criança e/ou adolescente com TDAH ou simplesmente conviver com ela e é, particularmente, a mãe quem mais sente. (BELLI, 2008, p. 37)

Por isso, além dos portadores, determinei que precisaria entrevistar também pessoas ligadas a eles. Então determinei que deveria entrevistar:

- A mãe de pelo menos um dos entrevistados;
- Um irmão ou amigo que cresceu junto de pelo menos um dos entrevistados;
- Uma esposa/marido de pelo menos um dos entrevistados.

A ideia sempre foi manter o foco do projeto na vida cotidiana dessas pessoas para transmitir aos espectadores o sentimento de como é conviver com o TDAH. No entanto, para que ficassem claros e assertivos os sintomas e todas as demais questões envolvendo a doença, julguei que seria fundamental também a participação de um médico especialista na área.

Apesar de aprender arduamente durante a faculdade que sempre devemos ouvir os dois lados de uma história em uma produção jornalística, optei por não colocar no documentário um profissional que defendesse a teoria da não existência do TDAH. Tomei essa decisão principalmente por dois fatores:

1. O presente trabalho não se trata de uma reportagem jornalística, apesar de manter forte relação com o formato por conta das entrevistas. Não há, aqui, o compromisso com a imparcialidade. O conteúdo é parcial com relação à questão do diagnóstico e do tratamento com medicação, e isso fica bem claro ao longo do desenvolvimento. Um dos objetivos do projeto, inclusive, é exatamente conscientizar as pessoas de que o tratamento pode trazer benefícios para a vida do portador.

2. Não existe, de fato, nenhuma fonte oficial que sustente a hipótese de que o transtorno não existe. O TDAH é reconhecido oficialmente pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e não existem provas científicas da sua não existência.

O TDAH é um dos transtornos mentais com maior evidência científica em toda a psiquiatria e até mesmo dentro de toda a medicina. Quem afirmou isto, publicamente, foi a Associação Médica Norte-Americana, em 1998. [...] A literatura científica sobre o TDAH conta com milhares (isto mesmo, milhares) de artigos em inúmeros países nos últimos anos. Este artigos foram escritos por vários pesquisadores diferentes e foram submetidos à rigorosa avaliação das revistas médicas antes de serem publicados. (MATTOS, 2011)

Sabendo, então, das características dos personagens que eu precisaria, comecei a entrar em contato com pessoas que eu conhecia ligadas à questão do TDAH. O primeiro portador do transtorno que topou participar das entrevistas foi o meu irmão Bernardo. E aí também convidei a minha mãe Katya e um amigo da família, que sempre foi próximo ao

Bernardo – o Willian. Ambos também concordaram facilmente em conceder as entrevistas. A rede de relacionamentos do Bernardo já estava, portanto, formada. Eu precisava encontrar agora, no mínimo, um portador mais velho, uma criança também portadora e um médico.

O Alexandre, 54 anos, portador de TDAH, foi fácil de encontrar. Ele tem um blog sobre o transtorno e gosta de falar sobre o assunto. Foi uma fonte excelente. Além de tudo, acabei descobrindo que a filha dele de 20 anos, Marina, também foi diagnosticada com a doença. Assim, fizemos a entrevista com o pai, a filha e ainda a esposa do Alexandre, Ana Paula, que vive com os dois na mesma casa há cerca de um ano.

Achar uma criança para participar do documentário não foi tão fácil assim. Telefonei para cerca de 10 escolas em Juiz de Fora e uma em Petrópolis. Muitas escolas diziam não ter alunos com déficit de atenção devidamente diagnosticados. E, nas escolas que tinham alunos portadores, as diretoras e/ou coordenadoras pedagógicas preferiam não identificar essas crianças. Desisti de procurar em escolas e acabei achando o Nickollas, de 6 anos, e a mãe dele, Luciana, em um grupo de TDAH no *facebook*.

O médico sem dúvida foi a parte mais complicada da fase de pré-produção, que foi iniciada no final de outubro deste ano. Nenhum dos quatro especialistas em TDAH de Juiz de Fora tinha disponibilidade para me dar entrevista até o final do ano. Procurei entrar em contato então com a doutora Isabella Souza, psiquiatra especializada em TDAH, que trabalha no Rio de Janeiro, referência no assunto em todo o Brasil. Ela foi a médica que diagnosticou o meu irmão na época em que descobrimos a doença, há cerca de 15 anos. Depois de falar três vezes com a secretária da doutora Isabella e me apresentar como jornalista, sem nenhum sucesso, pedi que a minha mãe ligasse e se identificasse como médica. Ela é pediatra, e conseguiu a entrevista em apenas uma ligação.

3.2 A ROTEIRIZAÇÃO

Como já mencionei, eu encontrava muita dificuldade em pensar o roteiro de um material não-ficcional. No entanto, com a base teórica do Puccini e as considerações do meu orientador, professor Nilson Alvarenga, consegui entender que, apesar de serem entrevistas com pessoas reais, e apesar de eu não poder controlar exatamente o que cada um iria dizer, existe um papel atuante e forte do diretor nos documentários.

O roteirista cumpre a sua função habitual e pode escrever tudo o que imagina para cada cena, da mesma forma que acontece em uma produção ficcional. No entanto, é papel do diretor garantir que durante as gravações aquilo tudo saia como o planejado no roteiro. É uma tarefa difícil, considerando que ele não estará trabalhando com atores, mas é possível de ser feita.

Sendo assim, logo depois que determinei o tipo de personagens que precisaria, comecei a esboçar uma estrutura resumida do roteiro, ou seja, uma escaleta. Terminei de montá-la assim que soube quem seriam todos os entrevistados. Essa foi a versão final dessa escaleta:

PERSONAGENS:

Bernardo (portador de TDAH)
William (amigo de infância do Bernardo)
Mãe do Bernardo
Alexandre (portador de TDAH)
Filha do Alexandre (também portadora de TDAH)
Esposa do Alexandre
Nickollas (portadora de TDAH)
Mãe do Nickollas
Isabella - médica especialista em TDAH

SEQUÊNCIA DE CENAS:

Imagem de arquivo do Bernardo criança chamando repetidamente “Bianca, Bianca, Bianca, Bianca”.
Créditos Iniciais.
Bernardo dirigindo e falando que está indo para a faculdade, contando um pouquinho sobre o que ele estuda e dizendo que para ele é um pouco difícil se concentrar, e por isso ele grava todas as aulas. Durante a cena, câmera centraliza a atenção em 2 ou 3 detalhes do carro e da paisagem, sem focar atenção no Bernardo, mas passando por ele entre um enfoque e outro.
Filha do Alexandre falando de forma generalizada sobre a falta de atenção do portador de TDAH.

Willian falando sobre como o Bernardo é engraçado e espontâneo, porém sem especificar que está falando sobre o Bernardo.
Cenas da criança que demonstre hiperatividade.
Mãe da criança falando que a criação de uma criança com TDAH é um desafio.
Alexandre explicando que tem um transtorno que atrapalha um pouco seu dia-a-dia.
Médica explicando que o TDAH é um transtorno que afeta a capacidade de concentração da pessoa e dificulta algumas atividades cotidianas.
Esposa do Alexandre falando sobre alguns problemas de esquecimento do marido
Sequência em stop motion do Alexandre tentando fazer uma atividade simples e encontrando certa dificuldade. Pode ser indo para o carro, mas tendo que voltar em casa várias vezes porque esqueceu alguma coisa, por exemplo. Durante a entrevista e de acordo com as possibilidades de produção, a cena será elaborada.
Criança tentando ler.
Filha do Alexandre contando que tinha dificuldade de estudar.
Mãe do Bernardo dizendo que sempre estudou as matérias do colégio com ele, e que estuda até hoje, durante a faculdade.
Bernardo falando que a sua paixão é futebol, e que quando tem alguma coisa de futebol ele consegue se concentrar melhor. Enquanto isso, está passando um jogo de futebol na tv e, aos poucos, o som do jogo vai ficando mais alto até abafar totalmente a fala do Bernardo.
Médica explicando as possíveis causas do TDAH e apontando que pode haver o TDAH sem a hiperatividade, apenas com o deficit de atenção, mas que, de qualquer forma, a hiperatividade costuma ser mais acentuada na infância.
Willian falando sobre o Bernardo quando era criança.
Material de arquivo com o Bernardo criança.
Alexandre falando de como era agitado na infância.
Mãe da criança falando sobre a hiperatividade do irmão.
Sequência em stop motion da criança brincando.
Alexandre pegando uma xícara de café na cozinha e relatando que já se casou e separou várias vezes.
Esposa de Alexandre contando sobre alguns problemas de convívio entre o casal.
Bernardo caminhando e relatando problemas de convívio social. A câmera está pegando

ele de costas e vai aos poucos subindo até o céu, mas continua acompanhando o caminhar dele.
Mãe da criança dizendo como é quando ele fica nervoso.
Mãe do Bernardo falando sobre a impulsividade dele quando fica nervoso e se altera.
Alexandre vai saindo da cozinha e contando como a sua vida mudou depois que ele descobriu que tinha TDAH e começou os tratamentos. Câmera vai acompanhando ele até certo ponto, depois a câmera vai para um lado da casa e o Alexandre para outro. Mantem-se, no entanto, o áudio do Alexandre.
Médica comenta sobre a importância do medicamento.
Criança brincando com brinquedos e dizendo como é a sua rotina, incluindo nessa fala em que momento do dia ele toma o remédio.
Filha do Alexandre contando o que ela gosta de fazer, quais são seus hobbies e suas paixões.
Sequência em stop motion da filha do Alexandre praticando algum hobby.
Mãe do Bernardo dizendo que, apesar de se preocupar com o futuro do filho, sabe que ele vai conseguir encontrar um caminho.
Alexandre dizendo que é feliz, contando um pouco sobre a vida dele, sobre a família dele.
Bernardo dizendo como se sente hoje em dia e o que pensa do seu futuro.
Criança contando o que quer ser quando crescer.
SEQUÊNCIAS COM MÚSICA DE FUNDO:
Alexandre, a filha e a esposa juntos.
Bernardo dirigindo, chegando na faculdade, estacionando, entrando no prédio e acenando para a câmera.
Criança e mãe brincando juntos, dando um abraço e um beijo um no outro.
Créditos Finais.

4 AS GRAVAÇÕES

Nem tudo, no entanto, saiu exatamente como planejado na minha escaleta. Esse foi o meu primeiro trabalho como diretora, e, aos poucos, durante as entrevistas, eu ia percebendo de que formas eu poderia conseguir as respostas e ações que eu queria. Mas não é tão fácil. Além disso, é claro, situações imprevistas surgem.

Eu tentei me preparar para as entrevistas pegando as cenas pensadas na escaleta e traduzindo-as em perguntas a serem feitas. Deu certo e tive muitas respostas semelhantes àquelas que eu esperava. Mas, em vários momentos também, as pessoas falavam coisas que eu não esperava e que mereciam entrar na montagem final. Outras vezes, pelo contrário, uma cena que eu tinha idealizado não podia ser realizada, ou uma fala que eu tinha previsto não se encaixava exatamente na boca do personagem que eu tinha imaginado. De forma geral, as gravações foram um desafio, mas foram todas muito interessantes e bem sucedidas.

Aqui estão as perguntas que eu separei para cada entrevistado:

BERNARDO
DIRIGINDO: Vamos fingir que você está indo para a faculdade já. Me conta sobre a sua faculdade: qual curso você faz, se você gosta ou não, se você tem dificuldade para se concentrar nas aulas, por que você grava as aulas?
EM CASA, PERTO DA TV PASSANDO FUTEBOL: Comente sobre o futebol. Por que você é tão apaixonado, o que você gosta no futebol?
CAMINHANDO: Como é para você ter TDAH? Você se sente diferente das outras pessoas? No que você acha que o TDAH te atrapalha?
ENTREVISTA SENTADO:
1. Quem é você? Se apresente e me diga como você acha que você é.
2. Você tem uma vida normal? Como é a sua vida?
3. Você acha que às vezes algumas pessoas não entendem o que você tem e te tratam mal porque você tem TDAH? Já aconteceu alguma vez?
4. Qual é o seu maior sonho?
5. Como você enxerga o seu futuro?

KATYA
1. Como é criar um filho com TDAH?
2. Como ele era quando era criança?
3. Como é quando ele fica nervoso? Ele é muito impulsivo nessas horas?
4. Você se preocupa com o futuro dele? (Tem que ser sincera!)
OS DOIS SENTADOS NA MESA, COM LIVROS, ESTUDANDO:
1. Por que você estuda com ele? (Deixar claro que o problema dele não é falta de inteligência, e sim dificuldade de concentração).
2. Bernardo, porque você acha que ela estuda contigo? Você tem dificuldade para leitura? Dificuldade de concentração? Você acha que ela se preocupa muito com você?
3. É tranquilo estudar com ele? É fácil?
4. Como foi a época do colégio?
CENA STOP MOTION DELES ESTUDANDO

WILLIAM
1. Sem falar o nome, descreva o Bernardo. Como se a pessoa tivesse que descobrir quem é.
2. Como era o Bernardo criança? Agora pode falar o nome dele.
3. Você acha que o Bernardo tem dificuldades de se relacionar com as pessoas? Dificuldades de relacionamento social? O que você acha que atrapalha ele?

ALEXANDRE
1. Explique para quem for te assistir que você tem um transtorno (sem detalhes) e como ele te atrapalha no seu dia-a-dia.
2. Você era muito agitado na infância?
3. Como foram os seus relacionamentos conjugais?
4. Como e quando você descobriu que tinha TDAH? A sua vida mudou depois que você descobriu? Como? Fale um pouquinho também sobre os tratamentos que você iniciou.
5. Qual é a sua paixão? O que você mais gosta na vida?
6. Conte um pouquinho agora sobre como é a sua vida, a sua família, o seu trabalho, se você é feliz. Não precisa necessariamente mencionar o TDAH.
Stop motion cena de esquecimento

MARINA
1. O seu pai é muito desatento? (movimento de câmera!)
2. Como e quando você foi diagnosticada?
3. No que você acha que o TDAH atrapalha o seu dia-a-dia?
4. Você têm problemas com a leitura ou teve problemas para começar a ler?
5. O que você gosta de fazer, quais são as suas paixões? Quais são seus hobbies, quando você tem tempo livre, o que você gosta de fazer?
Stop motion atividade que gosta

ANA PAULA
1. Como é conviver com o Alexandre?
2. Ele é muito esquecido, ele esquece muitas coisas no cotidiano? Você pode descrever alguma cena de esquecimento dele que acontece sempre?
3. Você acha que o TDAH às vezes atrapalha a relação de vocês?
4. Vocês brigam muito? Como ele é quando briga?
5. No que você acha que o TDAH atrapalha mais a vida dele?

NICKOLLAS
1. Nick, como você é?
2. Você já sabe ler?
3. O que você mais gosta de fazer?
4. O que você quer ser quando crescer?
BRINCANDO
Você é um menino agitado ou calmo?
Do que você mais gosta de brincar?
SE ARRUMANDO PARA IR AO COLÉGIO
Qual é a sua parte preferida do dia?
Você gosta de ir ao colégio? O que você mais gosta de fazer no colégio?
Você tem muitos amiguinhos no colégio? Você gosta deles?

LUCIANA
1. Como é a rotina do Nick? Conte como é o dia dele.
2. O Nick é muito hiperativo?
3. O que fez com que você desconfiasse que ele tinha algum problema?
4. Quando e como você descobriu que ele tinha TDAH?
5. O que mudou desde que você descobriu que ele tem TDAH?
6. Antes de descobrir que ele tinha TDAH, você se culpava pelas atitudes dele?
7. Como ele é na escola? Ele tem dificuldade de aprendizagem?
8. Como é o relacionamento dele com outras crianças?
9. Quando ele é contrariado, ele fica muito nervoso? Ele tem muitas explosões de raiva?
10. Quando ele começou a tomar o remédio? Você já sente alguma diferença?
11. Além do remédio, ele está fazendo ou já fez algum tipo de tratamento?
12. (JUNTO COM O NICK) O que você enxerga para o futuro do Nick?

ISABELLA – MÉDICA
1. De uma forma resumida e simples, o que é o TDAH e como ele afeta o cotidiano da pessoa portadora? Quais são os principais sintomas?
2. Quais costumam ser as características do TDAH em cada fase (infância, adolescência, fase adulta)?
3. Quando e como é diagnosticado o TDAH?
4. Você poderia falar um pouquinho sobre a importância do medicamento?
5. O portador de TDAH pode levar uma vida normal?
6. Que tipos de terapias ou tratamentos você recomenda para o portador?

5 A MONTAGEM

Todas as entrevistas renderam um conteúdo muito interessante. Foi difícil desapegar de algumas partes do material que eu julgava atraente para o público e tentar manter sempre a ideia inicial de focar no cotidiano das pessoas. A entrevista da médica, por exemplo, foi excelente, mas muito do que ela falou nas gravações eu suprimi para evitar imprimir ao documentário uma característica muito informativa.

Como realmente grande parte do conteúdo é passado através da fala dos entrevistados, o meu medo principal era que o documentário ficasse muito cansativo e monótono, principalmente se tratando de um tema complicado, que envolve termos médicos e sobre o qual as pessoas muitas vezes têm pouco conhecimento. Por isso busquei trazer bastante dinâmica e ritmo para a montagem, introduzindo trilha sonora, mesclando imagem colorida com preto e branco para causar mais diversidade visual e inserindo pequenas pausas entre alguns assuntos.

Tive algumas dificuldades com o som, especialmente na entrevista com a Luciana. O Nickollas realmente é muito hiperativo e não para de falar, correr e se mexer. Por isso também as imagens dela foram as únicas que eu tive que fazer com a câmera na mão. A casa deles era muito apertada, e as tentativas com o tripé definitivamente não deram certo. A todo momento, o Nickollas passava e esbarrava. Não podíamos filmar em ambiente externo, porque no dia da gravação estava chovendo. Na hora da montagem, as imagens da Luciana se diferenciaram muito das demais. No entanto, apesar de não ter sido programado, eu gostei do resultado, acredito que o efeito estético da imagem mais inconstante em contraste com as imagens estáticas feitas no tripé reforçaram a mensagem da hiperatividade da criança.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLI, Alexandra. **TDAH! E agora?** A dificuldade da escola e da família no cuidado e no relacionamento com crianças e adolescentes portadores de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. São Paulo: Editora STS, 2008.

MATTOS, Paulo. **No mundo da Lua:** Perguntas e respostas sobre Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Lemos, 2004.

MATTOS, PAULO. **Porque desinformação, falta de raciocínio científico e ingenuidade constituem uma mistura perigosa.** 2011. Disponível em: <<http://www.tdah.org.br>> Acesso em: 1 Out 2014.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas: Papirus, 2007.

Portal da ABDA - Associação Brasileira do Déficit de Atenção. Disponível em: <<http://www.tdah.org.br>> Acesso em: 1 Out 2014.

PUCCINI, Sergio. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção.** Campinas: Papirus, 2007.

RAMOS, Fernão. **O que é mesmo documentário?** Porto Alegre: Estudos de Cinema SOCINE 2000 p.192/207, Editora Sulina, 2001.

ROHDE, Luis Augusto; BENCZIK, Edyleine B. P. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – O que é? Como ajudar?** Porto Alegre: Artmed, 1999.

ANEXO: FOTOS DA PRODUÇÃO



IMAGEM DA ABERTURA



DOUTORA ISABELLA SOUZA – PSIQUIATRA



MARINA, ALEXANDRE E ANA PAULA



NICKOLLAS E LUCIANA



WILLIAM



KATYA E BERNARDO